



Perfil dos egressos de Medicina de uma Faculdade de Medicina de Juiz de Fora/MG *Profile of graduates from a Medical College of Medicine of Juiz de Fora/MG*

Ana Paula Silva Magalhães¹
Cézar Carvalho Esteves²
Soraya Ferreira Elias¹
Loren Diógenes de Oliveira¹
Nathália Dumont Maciel de
Figueredo¹
Isabela Dias da Costa¹

1 – Acadêmicos de Medicina da Faculdade de
Medicina da Universidade Presidente Antônio Carlos
(UNIPAC) - Juiz de Fora /MG

2 – Médico; Mestre em Medicina (Ortopedia e
Traumatologia) pela Universidade Federal do Rio de
Janeiro (UFRJ). Professor titular e coordenador do
curso de Medicina da Universidade Presidente Antônio
Carlos (UNIPAC) – Juiz de Fora/MG.

Trabalho realizado na Universidade Presidente
Antônio Carlos (UNIPAC) – Juiz de Fora/MG

Correspondência:

Ana Paula Silva Magalhães
Rua Ubá, 223, casa 2, Democrata
Juiz de Fora – MG
CEP 36035-260
E mail: paulanasm@yahoo.com.br

RESUMO

Objetivos: Conhecer o grau de inserção e satisfação de egressos de um curso de Medicina no mercado de trabalho e seus conhecimentos adquiridos posteriores à formação, comparando com estudos similares realizados em outras universidades. **Materiais e métodos:** Estudo realizado com egressos de Medicina da Universidade Presidente Antônio Carlos de Juiz de Fora/MG, formados entre 2008 e 2009. A coleta de dados foi realizada via correio eletrônico, contendo um questionário com questões discursivas e optativas sobre a atual carreira, dificuldades ou facilidades fornecidas pelo curso para sua prática clínica, aspirações futuras, local de trabalho, produção científica, carga horária e estresse. **Resultados e discussão:** Entre os 136 egressos formados no período do estudo, apenas 31 (22,8%) responderam o questionário, sendo a maioria composta por homens (74,2%), solteiros (87,1%), jovens (75%). Atualmente 54,8% dos entrevistados aspira um título de especialista e 19,4%, mestrado. Todos se sentem satisfeitos com sua área de atuação; 96,8% sente-se preparado, em comparação a outros médicos formados no mesmo período e todos necessitam aprimorar seus conhecimentos. O excesso de carga horária (35,0%), alto grau de responsabilidade (22,5%) e a baixa remuneração (22,5%) predispõe 83,9% dos médicos a considerar sua profissão desgastante. As expectativas com relação ao curso foram parcialmente alcançadas por 51,6% dos egressos e plenamente por 48,4%. **Conclusão:** A visão global dos egressos a respeito do curso foi positiva e as divergências apontadas se devem ao fato de terem participado de uma escola em processo de formação, mesmo assim suas expectativas foram alcançadas, estando satisfeitos com sua área de atuação.

Palavras chave: Ensino, Formação médica, Egressos.

ABSTRACT

Objectives: To know the degree of integration and satisfaction of graduates from a medical school in the labor market and their knowledge after the training compared to similar studies at other universities. **Materials and methods:** The study of medical graduates from the University President Antonio Carlos Juiz de Fora / MG, formed between 2008 and 2009. Data collection was conducted via e-mail containing a questionnaire and optional discourse about the current career difficulties or facilities provided by the course to their clinical practice, future aspirations, workplace, scientific, workload and stress. **Results and discussion:** Among the 136 graduates trained in the study period, only 31 (22.8%) respondents, the majority being composed of men (74.2%), single (87.1%), young (75 %). Currently 54.8% of respondents aspires to a specialist title, and 19.4%, MSc. All are satisfied with their area of expertise; 96.8% feel prepared, compared to other doctors trained in the same period and all need to improve their knowledge. The excessive workload (35.0%), high degree of responsibility (22.5%) and low pay (22.5%) predisposes 83.9% of physicians to consider their profession stressful. The expectations for the course were partially achieved for 51.6% of graduates and fully by 48.4%. **Conclusion:** The overall vision of the graduates about the course was positive and highlighted the differences are due to the fact that they attended a school in the training process, yet their expectations were met, being satisfied with their area of expertise.

Key words: Education, Training medical, graduates

INTRODUÇÃO

Os futuros médicos devem estar preparados para atender as demandas de saúde da população e, portanto, as informações obtidas de sua escola formadora são imprescindíveis para sua prática clínica.¹

A ampliação do sistema público de saúde se iniciou com a 8ª Conferência Nacional de Saúde, em 1986, com o lema – “Saúde como direito de todos e dever do Estado”, e subsequente aprovação da Constituição de 1988 e das Leis Orgânicas de Saúde em 1990, concretizando o SUS. O Ministério da Saúde então cria o Programa de Saúde da Família (PSF), visando reformular e expandir a atenção básica a saúde. Para isso, é necessária a atuação coerente e eficaz da formação acadêmica de médicos generalistas, um dos pilares da equipe multidisciplinar. Daí a importância das escolas médicas estarem formando esse tipo de profissional com prática clínica ampliada e integradora capaz de promover o cuidado em saúde.²

Um estudo realizado pela University of Washington School of Medicine desde 1996, mostrou que a porcentagem de estudantes que optam pela especialidade de Medicina da Família tem diminuído vertiginosamente nos EUA. Para corrigir este impasse, a Universidade desenvolveu uma pesquisa para analisar o declínio do interesse dos formandos nos cuidados primários. Em Junho de 2004, a comissão apresentou os resultados à comissão executiva da Universidade, que

criou metas objetivando apoiar a educação de pós-graduação médica em atenção primária na região.³

Para tanto, a avaliação das escolas médicas é um veículo de análise da formação integral do estudante com o objetivo de identificar as potencialidades e fragilidades do curso, por meio da análise de diversos segmentos envolvidos no processo de educação, dentre eles, o perfil dos egressos; sendo este recomendado pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior, SINAES.^{4,5,6}

A análise do perfil dos egressos foi realizada por diversos cursos, inclusive de Medicina, tendo início em 1978, quando a Universidade Estadual Paulista (UNESP) entrevistou docentes, internos e médicos residentes. Desde então, diversas instituições tem feito o mesmo com seus alunos, contribuindo para comparação e evolução da educação médica no decorrer dos anos. Dentre os objetivos da pesquisa, algumas instituições de ensino procuram avaliar o interesse de seus alunos por áreas específicas da medicina. Em um estudo realizado pela Division of Educational Research e Assessment of American Medical Colleges, as variáveis pesquisadas foram o interesse dos alunos de medicina dos EUA à carreira científica.^{5,6,7,8,9,10}

Diversas entidades nacionais e internacionais vêm propondo a formação de um novo modelo de ensino das escolas médicas, tais como as duas Conferências Mundiais de Edimburgo e a Comissão Interinstitucional Nacional de Avaliação

das Escolas Médicas (CINAEM). Em 2001, foram homologadas pelo Conselho Nacional de Educação, as Diretrizes Curriculares do ensino médico, que dentre suas reformas incluem: a inserção precoce dos estudantes nos serviços de saúde e integração teórico-prática visando a não fragmentação do conhecimento adquirido.²

Grande parte das escolas médicas ainda se baseia no modelo Flexneriano, desde a Reforma Universitária em 1968, que organizou o conhecimento do corpo humano por meio do estudo dos órgãos e sistemas, além de tornar obrigatório o ensino em ambiente hospitalar. Antônio da Silva Melo, médico e professor, foi o reformador das mudanças na medicina brasileira em 1938, enfatizando uma melhor formação cultural na educação do médico. Segundo ele, os médicos recém-formados não possuíam aptidões intelectuais capazes de identificá-los como verdadeiros doutores, ressaltando que alguns eram incapazes de escrever uma carta sem erros de português. As ideias desses dois reformadores foram cruciais para o desenvolvimento da formação médica no Brasil e no mundo.^{11,12,13}

O número de pessoas que se lança atualmente à carreira médica é absurdamente grande, visto que os concursos vestibulares para o curso de medicina são um dos mais concorridos. Por conseguinte, as escolas médicas tem que estar preparadas para fornecer um ensino de qualidade, adequando os futuros doutores à realidade do sistema de saúde, direcionando

para um cuidado não excludente de acordo com as classes sociais, principalmente porque grande parte da população brasileira é usuária do SUS. Sobretudo, os médicos necessitam adquirir de sua escola formadora a capacidade de exercer a profissão com ou sem auxílio excessivo da tecnologia.

O curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Juiz de Fora ocupa o campus VI da Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), situado em Juiz de Fora Minas Gerais. O curso foi iniciado em 2002 e sua primeira turma formada em Janeiro de 2008. O seu quadro de funcionários é constituído por mestres e doutores das diversas especialidades médicas, proporcionando aos alunos ensino de qualidade baseado nas Diretrizes Curriculares indicadas pelo MEC. Além disso, a rotina hospitalar é vivenciada em Unidades Básicas de Saúde, Hospitais e Centros de Referência no cuidado básico à saúde.¹⁴

É importante conhecer o grau de inserção dos egressos no mercado de trabalho e os conhecimentos adquiridos posteriores à formação e analisar comparativamente com estudos similares realizados em outras universidades a situação atual dos egressos de Medicina no Sistema de Saúde Brasileiro, cujos resultados poderão servir como base para futuras mudanças no processo educacional.

MATERIAIS E MÉTODOS

O presente trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Presidente Antônio Carlos, protocolo número 805/2010.

Foi realizado um estudo observacional tipo transversal, na Faculdade de Medicina de Juiz de Fora, campus VI Granjas Bethânia UNIPAC, com os egressos do curso de Medicina. Desde sua formação em 2002, a Faculdade formou seis turmas, sendo escolhidas como universo desta pesquisa, as quatro primeiras turmas formadas entre janeiro de 2008 a julho de 2009, totalizando 136 egressos para melhor análise das variáveis de inserção no mercado de trabalho e especialização.

Foi utilizado um questionário desenhado especificamente para atender aos objetivos da pesquisa, com perguntas sobre a atual carreira, dificuldades ou facilidades fornecidas pelo curso para sua prática clínica, aspirações futuras, local de trabalho, produção científica, carga horária e estresse. Resumindo, a situação em que os egressos se encontram e as implicações fornecidas pela faculdade em consequência de sua formação acadêmica.

O questionário com perguntas objetivas e dissertativas foi aplicado via e-mail, através de um link de acesso ao questionário eletrônico auto respondido. Os endereços ou telefone para contato foram levantados junto à coordenação do curso. O Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido foi enviado juntamente com o e-mail.

Antes da aplicação do questionário, um teste piloto com alguns médicos graduados foi realizado para verificar a compreensão das perguntas e clareza de interpretação.

Os dados foram armazenados no programa Access 2007, Microsoft[®] Corporation, USA. Para a análise estatística, foi utilizado o programa SPSS 13.0[®] SPSS Inc. Foram utilizados métodos descritivos para as variáveis estudadas. Foi utilizado o teste *t* de *student* para compararem variáveis contínuas e o teste de qui quadrado para variáveis categóricas. Para o *p*-valor e os intervalos de confiança o valor crítico foi definido em 95%.

Algumas respostas das questões discursivas foram transcritas a fim de exemplificar as discussões, sendo utilizadas apenas as letras iniciais dos participantes garantindo o sigilo.

RESULTADOS

Dos 136 questionários enviados aos egressos via correio eletrônico, foram respondidos 31 (22,8%). A amostra da pesquisa foi composta em sua maioria por homens 74,2% (n=23), solteiros 87,1% (n=27), que não possuem filhos 93,5% (n=29), com idade entre 25 a 29 anos 75,0% (n=24) e que fizeram curso preparatório para residência 71,0% (n=22). Participaram desta pesquisa 18 alunos

(58,1%) de turmas formadas em 2008, e 13 alunos (41,9%) das turmas de 2009.

Do total de entrevistados, 16 alunos (51,6%) fazem especialização e 11 (35,5%), estão incluídos nos Programas de Residência Médica, ambos credenciados pela COREME. No entanto, 12,9% (n=4) não fez curso para obtenção de título de Especialista junto às Sociedades Médicas, apenas 3,2% (n=1) concluiu a Especialização e 6,5% (n=2), a Residência Médica. A maioria dos egressos 85,7% (n=14) cursa especialização em cidades de

Minas Gerais; o restante no Rio de Janeiro 7,1% (n=1) e em São Paulo 7,1% (n=1). A maioria das Residências Médicas está sendo cursada em Minas Gerais: 54,5% (n=6) e Rio de Janeiro: 36,4% (n=4); o restante, em São Paulo. As principais especialidades escolhidas pelos egressos estão relacionadas na Tabela 1.

A área de Dermatologia foi a mais escolhida pelos egressos 16,1% (n=5) na Especialização e na Residência médica, a Ortopedia e Traumatologia 16,1% (n=5).

Tabela 1 - Especialidades médicas escolhidas pelos egressos nos cursos de pós-graduação

	<u>Residência médica</u>			<u>Especialização</u>	
	n	%		n	%
Anestesia	1	3,2	Cardiologia	1	3,2
Cardiologia	1	3,2	Ciências militares	1	3,2
Clínica médica	1	3,2	Cirurgia geral	1	3,2
Medicina do trabalho	1	3,2	Clinica médica	1	3,2
Oftalmologia	1	3,2	Dermatologia	5	16,1
Ortopedia e traumatologia	5	16,1	Ergometria e		
Pneumologia	1	3,2	Ecodoppler	1	3,2
Total	11		Medicina intensiva	1	3,2
			Neurologia	1	3,2
			Ortopedia	1	3,2
			Radiologia	2	6,5
			Saúde da família	1	3,2
			Total	16	

Quando inquiridos sobre a área de atuação, 51,6% (n=16) atua como médico generalista e 41,9% (n=13), como especialista. Vinte e dois egressos (71,0%) exercem a profissão sem ter especialização ou residência médica ou estão incompletas. A porcentagem dos egressos que tem outro emprego além da especialização ou residência médica corresponde a 74,2% (n=23).

Das atividades exercidas pelos médicos após a graduação, os plantões 35,5% (n=11), setor público 19,4% (n=6) e Programas de Saúde da Família (PSF) 16,1% (n=5) correspondem a maioria entre as demais opções. No entanto, apenas 6,5% (n=2) atua em hospitais privados e 9,7% (n=3), em consultórios e convênios. Quanto à jornada de trabalho em horas por semana, 43,8% (n=14) dos egressos trabalha de 31 a 60 horas; 31,3% (n=10) de 61 a 90 horas, e

apenas 9,4% (n=3) trabalha de 91 a 120 h semanais. Cerca de 71,0% (n=22) estava empregado em menos de um mês após a formatura e entre 1 a 3 meses, o percentual foi de 29,0% (n=9).

O conhecimento em línguas estrangeiras também foi verificado e em relação ao Espanhol, 41,9% (n=13) lê “Razoavelmente”; 41,9% (n=13) fala “Razoavelmente”; 64,5% (n=20) escreve “Pouco” e 38,7% (n=12) compreende “Razoavelmente”. Na Língua Inglesa, 43,8% (n=14) lê “Razoavelmente”; 43,8% (n=14) fala “Razoavelmente”; 40,6% (n=13) escreve “Razoavelmente” e 50,0% (n=16) compreende “Razoavelmente”.

O interesse em escrever artigos científicos foi visto em 71,9% (n=23) dos respondentes e 84,4% (n=27) afirmou a contribuição da disciplina de Saúde Coletiva. No entanto, 75,0% (n=24) não publicou o trabalho realizado nesta disciplina, mas 7 egressos (25%) fizeram projetos de pesquisa, além do realizado na Saúde Coletiva e 5 entrevistados (18,7%) têm publicações em periódicos indexados.

Quando questionados sobre as diferentes dificuldades enfrentadas no exercício da profissão após a graduação, oferecendo opções para assinalar, 51,6% (n=16) dos entrevistados relataram não ter dificuldade com semiologia; 100% (n=31) não tiveram dificuldades na relação médico paciente; 90,3% (n=28) em habilidades técnicas; 93,5% (n=29) em interpretação de exames; 78,2% (n=25) em diagnóstico das doenças e 71,9% (n=23) em procedimento

cirúrgico. Com relação a escrever e criticar artigos científicos, 65,6% (n=21) relatou dificuldades. Ao concluírem o curso, 61,3% (n=19) dos egressos sentiam-se seguros para exercer a profissão sem supervisão, 96,8% (n=30) pretendia se especializar em alguma área.

Atualmente, 54,8% (n=17) dos entrevistados aspiram a um título de especialista e 19,4% (n=6), a mestrado. Todos se sentem satisfeitos com sua área de atuação; 96,8% (n=30) sente-se preparado em comparação a outros médicos formados no mesmo período; todos sentem que necessitam aprimorar seus conhecimentos, principalmente para melhorar sua qualificação técnica. A profissão é considerada desgastante por 83,9% (n=26) dos médicos entrevistados, sendo 35,0% (n=14) devido a excesso de carga horária; 22,5% (n=9) pelo alto grau de responsabilidade e 22,5% (n=9), baixa remuneração. As expectativas com relação ao curso foram parcialmente alcançadas por 51,6% (n=16) dos egressos e plenamente, por 48,4% (n=15).

Ao serem questionados sobre os pontos positivos do curso, 59,4% (n=22) relatou aulas práticas e 40,5% (n=15), corpo docente qualificado. Entretanto, a falta de carga horária prática foi apontada por 41,9% (n=13) dos egressos, como um dos pontos fracos deste curso de Medicina, sendo os outros: falta de carga horária teórica, 38,7% (n=12) e falta de infraestrutura 19,4% (n=6).

As especialidades médicas estudadas no internato foram questionadas e a “Pediatria” foi qualificada como “Ótima” por 54,8% (n=17) dos egressos e o internato em Saúde Coletiva, como “Bom” por 51,6% (n=16). A disciplina de Cirurgia recebeu conceito “Regular” por 35,5% (n=11) e a Clínica médica, conceito “Bom” por 58,1% (n=18) e “Regular” por 6,5% (n=2). Sobre a Ginecologia e Obstetrícia, 35,5% (n=11) dos egressos a consideraram “Regular”.

DISCUSSÃO

No trabalho realizado por Sakai e Cordoni Junior (2004)⁶ na Universidade Estadual de Londrina (UEL), semelhante a esta pesquisa, o perfil da amostra era de médicos egressos do sexo masculino (77,6%), com idade inferior a 45 anos (82,7%). Na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), Caovilla *et al.* (2008)⁵ verificaram que 53,3% era homens e solteiros, 78,3%. No presente estudo, 38,7% dos egressos é filho de empresários e 29% tem médicos na família; em análise feita na UEL⁶, o percentual de médicos na família era de 70% e atividades empresariais, 36,2%.

Embora grande parte dos médicos egressos sejam homens, tem se observado um aumento da participação feminina, fenômeno conhecido como “feminilização da profissão médica” analisado por Caovilla e colaboradores (2008)⁵ e Sakai e Cordoni Junior (2004).⁶ Nas quatro primeiras turmas

da Faculdade de Medicina de Juiz de Fora (UNIPAC) verificou-se que dos 136 matriculados, 58 eram do sexo feminino. Isso ocorre devido a transformações sociais ocorridas na Idade Moderna, em que as mulheres têm participação igualitária na formação de bens e serviços, contribuindo significativamente na economia. No entanto, algumas profissões ainda mantêm características femininas, como a enfermagem, analisada por Soler *et al.* (2001)¹⁰ e Püschel *et al.* (2009).¹⁵

As mulheres têm participação ativa no que diz respeito a pós-graduação, como revela o estudo feito por Barbosa (2009),⁷ em que 47,9% dos entrevistados com título de mestre era mulher e de doutor, 40,3%. Também Maciel *et al.* (2010)¹⁶ em sua análise com egressos do curso de especialização em Saúde da Família, constataram que 72,3% de sua população de estudo era mulher. Sobretudo, é notável a predominância de mulheres e o aumento de sua presença ao longo do período nos níveis acadêmicos: no doutorado corresponde a 76,9% e no mestrado, a 75,2%, dados observados por Gomes e Goldenberg (2010)¹⁷ em estudo de egressos nos programas de Pós-graduação em Saúde Coletiva. Tal parâmetro não pode ser observado nesta pesquisa, visto que uma pequena parcela de mulheres aderiu ao estudo, além do curto espaço de tempo entre a graduação e a presente análise.

O curso preparatório para residência tem sido cada vez mais utilizado como meio de apoio para a entrada em um

Programa de Residência Médica, evidenciado por este estudo, onde 100% dos entrevistados frequentaram o curso. A educação médica baseada no modelo Flexneriano fragmenta o conhecimento e causa uma compartimentalização do raciocínio clínico, dificultando o estudo das doenças como um todo. Portanto, o entendimento de casos clínicos nas provas realizadas fica prejudicado.⁶

A porcentagem de egressos da UNIPAC que ingressaram em um Programa de Residência Médica foi de 35,5%, inferior a outros estudos: na ULBRA,⁵ 72,5% ingressaram neste programa e na UEL,⁶ 73,6%. Em contrapartida, os resultados da Especialização são inversos, cujo percentual foi de 51,6% na UNIPAC, 33,8% na UEL⁶ e 15,9% na ULBRA⁵. Porém, um pequeno número de egressos aderiu a esta pesquisa, prejudicando a análise dessas variáveis. Além disso, essas últimas universidades possuem seus próprios Programas de Residência Médica em hospitais universitários, o que não é caso da Faculdade em estudo, cujo curso é recém criado, estando em processo de formação.

Foi observado que os ex-alunos da UNIPAC permaneceram desenvolvendo suas atividades de pós-graduação em Minas Gerais, sobretudo em Belo Horizonte, dados também encontrados nos estudos de Caovilla *et al.* (2008)⁵ e Sakai e Cordoni Junior (2004),⁶ que concluíram que os egressos de medicina não saíram dos estados de sua escola formadora,

permanecendo em grandes centros urbanos. A preferência por metrópoles é devida ao acesso facilitado a altas tecnologias dos complexos médico-hospitalares, sendo pontos imprescindíveis para a obtenção de qualificação técnico científica. Filho e colaboradores (2006),¹⁸ em seu estudo sobre a oferta de graduações em medicina e enfermagem no Brasil, concluíram que 48% das escolas médicas concentram-se na região Sudeste e os egressos dessa região correspondem a 60,9% do total de egressos do país. Portanto, se esses egressos permanecem em seus estados de origem, as outras regiões brasileiras, principalmente Norte e Nordeste, continuam deficientes de atendimento básico a saúde.

Com relação à predileção pela área de atuação, os dados são discordantes quanto aos egressos formados pela ULBRA,⁵ onde Medicina Interna (18,7%) e Cirurgia Geral (14,%) compunham a maioria na Residência Médica e na Especialização, a Pediatria (57,1%) e Ginecologia e Obstetrícia (14,2%) ocupavam essa colocação. O fato de grande parte dos entrevistados preferirem Ortopedia/Traumatologia e Dermatologia pode ser devido a influências pessoais, familiares e preceptoria durante o curso, além de aulas teóricas e práticas eficazes nessa área. Não foi relatado ingresso em um curso de mestrado ou doutorado, porque a graduação em medicina da UNIPAC formou sua primeira turma em 2009, o que determina um tempo de pós-graduado

escasso para se realizar este tipo de atividade.

A atuação dos egressos é múltipla, sendo que 74,2% tem mais de um emprego, corroborando com a literatura.^{5,6} Na UNIPAC, eles exercem atividades em plantões, setor público, PSF e atuam como médicos generalistas. Em contrapartida, uma minoria atua em consultórios e convênios e em hospitais privados. Na UEL,⁶ 56,6% tem vínculo empregatício no setor público, e 67,9%, em consultório privado. Vale ressaltar que esse estudo foi feito com médicos formados há mais de 22 anos nesta instituição. Na ULBRA,⁵ o percentual de egressos atuantes em plantões é inferior a UNIPAC e 57,9% dos egressos participam de cooperativas e tem convênios. Os resultados são divergentes, provavelmente pelas diferentes regiões onde os estudos foram feitos, uma vez que os egressos têm vínculo empregatício de acordo com as oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho daquela região. Além disso, no decorrer do tempo, a medicina tem deixado de ser uma atividade liberal, passando a ser vínculo empregatício com grandes empresas de convênios e hospitais. Quanto ao ingresso no mercado de trabalho, a maioria dos egressos estava empregada em menos de um mês após a graduação; no estudo realizado por Soler *et al.* (2001),¹⁰ 75,4% de enfermeiros tiveram seu primeiro emprego até 3 meses após a formatura.

O conhecimento em línguas estrangeiras foi analisado em vistas do atual

mercado de trabalho e suas respectivas exigências. Em suma, a maioria dos egressos da UNIPAC lê, fala, escreve e compreende “Razoavelmente” a língua inglesa. Quanto ao espanhol, grande parte lê, fala e compreende “Razoavelmente” e escreve “Pouco”. Para um bom conhecimento em línguas estrangeiras, o tempo despendido para estudos deve ser grande e leitura e conversação são essenciais.

Os egressos da UNIPAC recebem conhecimento científico através da disciplina de Saúde Coletiva, quando antes de ingressarem no internato redigem e defendem um projeto de pesquisa de sua escolha. Isso não é uma realidade em muitas faculdades de medicina no Brasil. Avaliou-se esse conhecimento e a maioria dos respondentes mostrou interesse em escrever artigos científicos, relatando contribuição da Saúde Coletiva. Porém, na prática, mais de 75,0% não publicou o projeto de pesquisa feito nesta disciplina ou teve qualquer outro tipo de publicação. Se eles afirmam que houve contribuição da disciplina, na prática isso não aconteceu, concluindo que faltou interesse próprio para realização da tarefa. Na UEL,⁶ 50,2% dos entrevistados tiveram poucas oportunidades de fazer pesquisas e denunciaram falta de incentivo, estímulo e tempo.

A maioria dos entrevistados não encontrou dificuldades em exercer alguns tópicos estudados durante a graduação após sua formação médica, tais como, semiologia, interpretação de exames,

habilidades técnicas, procedimento cirúrgico, relação médico paciente e diagnóstico das doenças; entretanto, relataram dificuldade em escrever e criticar trabalhos científicos. Uma queixa relatada também pelos egressos estudados por Sakai e Cordoni Junior (2004)⁶ é que eles poderiam ter adquirido mais habilidades cirúrgicas básicas durante sua formação. A respeito da segurança em exercer sua profissão após a graduação, mostrou que 61,3% dos entrevistados sentiam-se seguros, assemelhando-se aos dados dos egressos da ULBRA.⁵

No final da graduação, apenas um egresso não pretendia se especializar em alguma área. Dos que tiveram interesse, a maioria aspirava um título de especialista e todos sentiam-se satisfeitos com sua área de atuação, apenas necessitando aprimorar seus conhecimentos, por motivos, em ordem decrescente, de melhor qualificação técnica, ascensão profissional e melhor remuneração. Na ULBRA,⁵ esses dados são semelhantes, exceto que 4,3% estavam insatisfeitos com sua área de atuação e a realização de mestrado, doutorado e pós doutorado era a principal aspiração futura dos egressos.

Excesso de carga horária, alto grau de responsabilidade, baixa remuneração e estresse os quais os médicos são expostos, predispõem 83,9% dos egressos considerar sua profissão desgastante. Na ULBRA,⁵ essa porcentagem é de 65,2% e os motivos são os mesmos.

Os pontos positivos do curso foram: corpo docente qualificado e aulas práticas, como se constata nos seguintes relatos: “[] sobre o ponto forte, eu queria dizer que o corpo docente é muito bom e temos convênio com vários hospitais...” (G A D). Outro relatou que “[] ...excelentes professores e contato precoce com o paciente, permitindo aulas práticas muito proveitosas...” (M R), ressaltando que um egresso disse ter tido a oportunidade de atuar em todas as áreas médicas, o que não é uma realidade em muitas faculdades, inclusive federais. A falta de carga horária prática e teórica e falta de infraestrutura foram apontados como um dos pontos negativos do curso. Outros motivos foram: “[] faltou um pouco a vivência no ambiente de urgência e emergência...” (D M P S); “[] ...falta de teoria interligada à prática ao ensinarem as matérias...” (S V R).

As quatro grandes áreas médicas foram pontuadas pelos egressos e o Internato em Saúde Coletiva foi classificado como “Bom” por 51,6%. Um egresso revelou que nessa disciplina ele teve contato com o SUS e os pacientes e isso foi imprescindível para sua prática clínica. 35,5% dos egressos considerou sua prática em Cirurgia “Regular”, mas comparando-se a outros estudos, como os de Caovilla *et al.* (2008)⁵ e Sakai e Cordoni Junior (2004),⁶ essa queixa é comum quanto à formação nas escolas médicas. Na Ginecologia, 35,5% a considerou “Regular,” pelas aulas práticas e teóricas

ruins e por não terem predileção pela área. A Clínica Médica recebeu conceito “Bom” por mais da metade dos egressos, com relatos de boas aulas teóricas e práticas, abrangência de pontos essenciais para a formação médica. Com relação à Pediatria, 54,8% a consideraram “Ótimo” e segundo

relatos, os conhecimentos nessa área são sólidos e superiores em relação a egressos de outras faculdades. Quando comparados os anos de término do curso e o conceito das disciplinas as diferenças entre eles não foram estatisticamente significativas (Tabela 2).

Tabela 2 - Conceito do Internato de acordo com cada turma

	Ano do término da Faculdade						p-valor
	2008		2009		Total		
	n	%	n	%	n	%	
Clínica							
Regular	2	24,7	0	0	2	6,5	0,226
Bom	7	38,9	11	61,1	18	58,1	
Ótimo	4	36,4	7	38,9	11	35,5	
Cirurgia							
Regular	4	30,8	7	38,9	11	35,5	0,769
Bom	6	46,2	6	33,3	12	38,7	
Ótimo	3	23,1	5	27,8	8	25,8	
Pediatria							
Regular	1	7,7	4	22,2	5	16,1	0,635
Bom	4	30,8	5	27,8	9	29	
Ótimo	8	61,5	9	50	17	54,8	
Ginec. Obstetrícia							
Regular	5	38,5	6	33,3	11	35,5	0,486
Bom	5	38,5	5	27,8	10	32,3	
Ótimo	3	23,1	7	38,9	10	32,3	
Saúde Coletiva							
Regular	3	23,1	1	5,6	4	12,9	0,248
Bom	7	53,8	9	50	16	51,6	
Ótimo	3	23,1	8	44,4	11	35,5	

CONCLUSÃO

Em suma, o perfil dos egressos estudados é semelhante ao de outras universidades, sendo este estudo importante na análise da formação médica e suas respectivas mudanças. As limitações se devem ao fato de um pequeno número de egressos terem participado da pesquisa.

Sua visão global a respeito do curso foi positiva e as divergências apontadas se devem ao fato de terem participado de uma escola em processo de formação; mesmo assim, suas expectativas foram alcançadas e estão satisfeitos com sua área de atuação.

O perfil do médico egresso da Faculdade de Medicina de Juiz de Fora –

UNIPAC é de jovens, solteiros, generalistas, atuantes em plantões e PSF. Residem e trabalham na região sudeste, com vínculos empregatícios com setor público, hospitais e convênios. A maioria realizou curso de Especialização Médica. No final do curso sentiam-se seguros para exercer a profissão sem supervisão, não tendo dificuldades em semiologia, procedimentos cirúrgicos, relação médico paciente, diagnóstico das doenças, interpretação de exames e habilidades técnicas. E consideram que a disciplina de Saúde Coletiva contribuiu para sua formação acadêmico-científica.

Agradecimentos

Aos Prof. da disciplina da Saúde coletiva, Dr. Guillermo Patrício Ortega Jácome e Profa. Ms. Nathália Barbosa do Espírito Santo, pela paciência, dedicação e ensinamentos disponibilizados nas aulas, cada um de forma especial contribuiu para a conclusão desse trabalho.

REFERÊNCIAS

1. Garcia AC, Garcia P, Fluentes GA, Montemayor LE, Rodriguez BAP, Stern D. Outcome - based national profile of Mexico's medical graduates. *Med Teach*. 2007;29(1):691-98.
2. Nogueira MI. As mudanças na Educação Médica Brasileira em Perspectiva: reflexões sobre a emergência de um novo estilo de pensamento. *Rev Bras Educ Med*. 2009;33(2):262-70.
3. Berg AO, Norris TE. A workforce analysis informing medical school expansion, admissions, support for primary care, curriculum and research. *Ann Family Med*. 2006;4(1):40-4.
4. Mourão MGM, Caldeira AP, Raposo JJBV. A avaliação no contexto da formação médica brasileira. *Rev Bras Educ Med*. 2009;33(3):452-64.
5. Caovilla F, Leitzke L, Menezes HS, Martinez PL. Perfil do médico egresso do curso de medicina da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra). *Rev AMRIGS Porto Alegre*. 2008;52(2):103-9.
6. Sakai MH, Cordoni Junior L. Os egressos da medicina da Universidade Estadual de Londrina: sua formação e prática médica. *Rev Espac Saude*. 2004;6(1):34-47.
7. Barbosa DMM, Gutfilen B, Gasparetto EL, Kock HA. Análise do perfil dos egressos do programa de pós - graduação em medicina (radiologia) da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. *Radiol Bras*. 2009;42(2):121-24.
8. Kassebaum DG, Szenas PL, Ruffin AL, Masters DR. The research career interest of graduating medical students. *Acad Med*. 1995;70(9):848-52.
9. Alves E, Rossi CE, Vasconcelos FAG. Nutricionistas egressos da Universidade Federal de Santa Catarina: áreas de atuação, distribuição geográfica, índices pós- graduação e de filiação aos órgãos de classe. *Rev Nutr*. 2003;16(3):295-304.
10. Soler ZASG, Perroca MG, Santos MLSG, Santos MR. Inserção dos egressos do curso de graduação em enfermagem da faculdade de medicina de São José do Rio Preto no mercado de trabalho: parâmetros para avaliação da qualidade de ensino. *Acta Paul Enferm*. 2001;14(1):37-47.
11. Kemp A, Edler FC. A reforma médica no Brasil e nos Estados Unidos: uma comparação entre duas Retóricas. *Rev Hist Cienc Saude Mangunhos*. 2004;11(3):569-85.

12. Silva Melo A. Problemas do ensino médico e de educação. Rio de Janeiro: Editora Limitada: 1937. p. 64-5.
13. Flexner A. The american college: a criticism. In: Lawrence A. Cremin (org). Nova York: Arno Press; 1969.
14. UNIPAC - Universidade Presidente Antônio Carlos: cursos de graduação [Internet]. [Acessado 2010 jun 01]. Disponível: <http://www.unipac.br/ensino>.
15. Püschel VAA, Inácio MP, Pucci PPA. Inserção dos egressos da Escola de Enfermagem da USP no mercado de trabalho: facilidades e dificuldades. Rev Esc Enferm USP. 2009;43(3):535-42.
16. Maciel ELN, Figueiredo PF, Prado TN, Galavote HS, Ramos MC, Araújo MD, et al. Avaliação dos egressos do curso de especialização em Saúde da Família no Espírito Santo. Cienc Saude Coletiva. 2010;15(4):2021-28.
17. Gomes MHA, Goldenberg P. Retrato quase sem retoques dos egressos dos programas de pós graduação em saúde coletiva, 1998-2007. Cienc Saude Coletiva. 2010;15(4):1989-2005.
18. Filho AA, Vieira ALS, Garcia ACP. Oferta das graduações em medicina e enfermagem no Brasil. Rev Bras Educ Med. 2006;30(3):161-70.

Correspondência: Ana Paula Silva Magalhães - Rua Ubá, 223, casa 2, Democrata -Juiz de Fora – MG
CEP 36035-260 E mail: paulanasm@yahoo.com.br